



VALQUIRIA PADILHA

TRABALHO E LAZER:

REFLEXOES SOBRE A ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Monografia apresentada como
exigência para conclusão do
curso de Especialização em
Recreação e Lazer .

ORIENTADOR: Prof. Lino Castellani Filho

FEF / UNICAMP / 1 9 9 2

QUERO REGISTRAR MEUS AGRADECIMENTOS...

- ao meu orientador, Prof. Lino Castellani Filho, pela sua paciência num trabalho consciente de orientação e pela sua presença sempre meiga na sala de aula, nas orientações ou nos corredores da FEF ;

- ao Prof. Nelson Carvalho Marcellino, por estar sempre sendo meu referencial quando penso em lazer e pela gentileza de sentar pra conversar a qualquer momento ;

- ao meu pai, Sidnei Padilha, por ter me emprestado seu computador, sem o qual, a realização deste trabalho seria mais difícil ;

- à minha mãe, Anna Maria L. Padilha, por estar sempre me incentivando a estudar ;

- ao André Barreto, pelo apoio amigo e carinhoso e pelas conversas que têm me ajudado muito a "apurar algumas arestas";

- aos professores do curso, pela participação e contribuição necessárias e,

- aos meus companheiros de curso, pelas discussões em sala de aula que sempre me enriqueceram e pelo carinho especial de cada um...

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo central o levantamento - através de uma Pesquisa Bibliográfica - e a reflexão - tendo como referencial o materialismo histórico dialético marxista - de algumas importantes abordagens funcionalistas do lazer. Entende-se por funcionalista toda aquela abordagem que concebe o lazer como momento de recuperação ou compensação do que se "perde" no trabalho.

Por ter como foco central a relação trabalho/lazer, a alienação é um tema bastante relevante nesta monografia e recebe atenção no decorrer das discussões, embora seja notável a necessidade de um maior aprofundamento deste tema.

De forma geral, todos os autores que abordam o lazer sob uma ótica funcionalista, atribuem a ele a função de manter equilibrada uma sociedade que é supostamente harmoniosa. O lazer se torna, assim, um remédio ou solução para os possíveis problemas provocados pelo trabalho.

As concepções funcionalistas do lazer acabam levando em consideração que:

a) todo trabalho é ruim e aliena, b) somente através do lazer pode haver "recuperação" do trabalhador, c) todo trabalhador pode dispor de lazers supostamente iguais e disponíveis para todos, d) o lazer afirma e mantém o Homem na condição de trabalhador, e) o lazer é algo oposto a trabalho e, f) o lazer só pode ser fundamentalmente bom.

As concepções de cunho funcionalista são conservadoras na medida em que negam a existência de contradições no sistema social. A idéia de recuperação da força de trabalho vem reforçar uma instrumentalização do lazer para que, através dele, as pessoas se ajustem à sociedade de forma a suportar sua disciplina e imposições.

Por outro lado, estas mesmas concepções acabam se configurando em constatações da realidade, da vivência do lazer tal como ela acontece. Isto quer dizer que para a maioria da população brasileira - sobretudo a trabalhadora - o lazer acaba sendo esperado e desejado enquanto meio de satisfação de uma necessidade real de reposição da força de trabalho.

Se a realidade do lazer é, por si só, funcionalista enquanto corresponde às expectativas da grande maioria da população, em que medida ele estaria contribuindo para uma mudança efetiva dos valores da sociedade capitalista?

De qualquer forma, acredita-se que só é possível pensar num lazer diferente e até "revolucionário" a partir de uma nova sociedade, e a concepção funcionalista de sociedade estática não compreende isso.

Mas, esta nova sociedade é desejada e pensada por muitas pessoas no mundo inteiro. Destaca-se neste trabalho os pensamentos de Gramsci, Marcuse, Illich e André Gorzi: autores de idéias sobre a necessidade de transformações no sistema e estrutura social para o homem viver melhor. Estas transformações passam necessariamente pela alteração no sistema de trabalho e no sistema moral e intelectual.

O objetivo desta monografia não é propor nenhuma maneira de se planejar ou vivenciar o lazer mas, de levantar críticas ao sistema tal como ele se apresenta hoje de forma a possibilitar a reflexão sobre a relação trabalho/lazer.

Assim, esta monografia é um trabalho basicamente teórico, com preocupações em relação ao entendimento das possibilidades de mudança social pois, parte do princípio de que a realidade vigente do trabalho e do lazer, se fôsse diferente, poderia propiciar ao indivíduo melhores condições de vida consigo mesmo e com a sociedade em geral.

" Na minha opinião, é uma vergonha que haja tanto trabalho no mundo. Uma das coisas mais tristes é que a única coisa que o homem pode fazer oito horas por dia, dia após dia é trabalhar..."

(W. Faulkner)

APRESENTAÇÃO

A idéia de abordar e criticar as concepções funcionalistas do lazer surgiu no decorrer de algumas discussões proporcionadas por este curso de Especialização em Recreação e Lazer. Quando cursava minha graduação em Ciências Sociais, me interessava muito pela alienação da qual tanto se falava e, pensava que o processo de trabalho era o único responsável por ela. Eu acreditava que determinadas atividades que o trabalhador pudesse fazer fora do trabalho, poderiam levá-lo à uma conscientização política de forma a "fugir" da alienação.

Na verdade, eu ainda não tinha elaborado nada sobre o lazer especificamente mas, sempre me preocupei com o corpo humano enquanto sujeito histórico e de como poderia ser sua atuação nos momentos em que o trabalhador não estivesse exercendo suas funções.

Eu contrapunha dois corpos: um que trabalhava, perdendo assim energia, liberdade e auto-conhecimento e outro que, vivenciando atividades especiais fora do trabalho, recuperava-se e conscientizava-se. Acreditava que um indivíduo consciente corporalmente, buscaria lutar por um espaço e por condições melhores para ele na sociedade.

Quando me interessei em fazer este curso de Especialização procurava encontrar indicações de como, através do lazer, o trabalhador poderia recuperar-se e reencontrar-se consigo mesmo. Buscava "saídas alternativas"

no lazer mas, não demorou muito para eu começar a rever com inquietação a visão de lazer na qual eu poderia estar acreditando.

Dessa inquietação e insatisfação por não achar respostas, surgiu meu interesse em entender em que consistia exatamente meus conceitos de alienação, consciência, trabalho, lazer e quais as relações entre eles. Foi quando me deparei com a denominação de funcionalismo para a visão do lazer enquanto momento ou atividade de recuperação ou compensação do que se perde com a alienação do trabalho.

Diante disto, me proponho a perceber, através de uma pesquisa bibliográfica (1) sobre o assunto, como procede o entendimento teórico da relação trabalho-lazer, especificamente sob uma ótica funcionalista, tendo como pano-de-fundo algumas questões: o que é funcionalismo? Em que medida as produções teóricas sobre o lazer estão adotando ou assumindo visões funcionalistas? Por que uma visão funcionalista da relação do trabalho com o lazer é conservadora? Como pensar o lazer sem ser funcionalista?

O desenvolvimento desta monografia se dá em três capítulos, além da introdução. No capítulo 1 foram levantados alguns conceitos de trabalho e outros de lazer e foram lançadas algumas reflexões sobre a relação trabalho e lazer. No capítulo 2 foram apontadas as concepções funcionalistas do lazer de forma mais específica e apontadas algumas críticas sobre esta questão. No capítulo 3, a nível

de conclusão, foram estabelecidas sete premissas das reflexões feitas sobre as abordagens funcionalistas do lazer. Na Introdução foi brevemente traçado o que se entende por funcionalismo e pelo referencial metodológico do materialismo histórico marxista.

Embora não recomendada pela academia, a redação da monografia foi feita na primeira pessoa do singular, não com a intenção de arrogância de possuir o saber mas, no intuito de estabelecer uma relação direta e pessoal com o leitor.

Esta monografia não oferece respostas à todas as questões levantadas mas, espero que ela possibilite uma reflexão mais crítica sobre o lazer e o trabalho na nossa sociedade. Sem dúvida, o assunto abordado não se esgota no último capítulo...

INTRODUÇÃO

Tenho me perguntado sobre o conteúdo da afirmação mais básica de Marx de que o trabalho é a essência da vida humana, a base da vida social e uma necessidade natural do Homem. Para o marxismo, o trabalho se revela como a força que reagrupa todo o humano. Será mesmo que o Homem se faz um ser significativo pelo trabalho ? Só pelo trabalho ?

A resposta para esta pergunta varia conforme a concepção que se tem de trabalho. De qualquer maneira, é dominante nas produções teóricas das Ciências Humanas, a análise da alienação, da exploração e do próprio capitalismo tendo em vista o trabalho somente enquanto operário. O que quero dizer é que reduz-se muito comumente o trabalho à fábrica.

Por mais representativa que seja a indústria na sociedade, trabalhador não é necessariamente sinônimo exclusivo de operário. Existem professores, jardineiros, motoristas, médicos, bancários, secretários, artistas e muitos outros que, nos seus ambientes de trabalho, participam - direta ou indiretamente - da divisão social do trabalho do sistema capitalista de produção.

Portanto, no decorrer deste estudo, procurei estar sempre atenta para não cair neste "reducionismo", pensando em trabalho nas suas mais diversas formas de atuação e nos mais diferentes campos profissionais.

O próprio Marx salienta o fato de existir uma diferença não só entre o trabalho e o não-trabalho, mas também entre o trabalho direta ou indiretamente produtivo e o trabalho não-produtivo. "O conceito de trabalho produtivo acrescenta ao de trabalho a condição específica da produtividade. Ora, enquanto se está no terreno da produtividade, é-se obrigado a situar o trabalho em um sistema sócio-econômico preciso, em um modo de produção concreto. Assim, pode-se dizer que a produtividade do trabalho é determinada pelo modo de produção no qual ela se enquadre. (...) Pode-se afirmar, portanto, que não será possível falar de trabalho produtivo vinculado a um modo concreto de produção." (2)

Me questiono também se o trabalhador não "adia" seus momentos de prazer para o fim do expediente, para o final de semana ou para as férias, deixando de descobrir e viver os prazeres do dia-a-dia (apesar das dificuldades impostas pelo sistema). Se isso ocorre, não será consciente na medida em que se assume e - pior - se aceita o trabalho como obrigação penosa exercida unicamente para "ganhar a vida" ? Aliás, ironia desperdiçar a vida que a gente ganha, trabalhando para ganhar a vida...

O que me pergunto - entre outras coisas - é se o trabalhador, de forma geral, não acaba buscando a compensação e a recuperação nos momentos (às vezes raros) de seu lazer .

Estas questões serão retomadas no decorrer deste estudo, tendo sempre em vista minha intenção de entender as relações existentes entre lazer e trabalho e, de que forma elas suscitam concepções como a do tipo funcionalista.

Mas, afinal, o que é funcionalismo ?

Para os funcionalistas, tudo o que existe numa dada sociedade tem um sentido, um significado, de forma a contribuir para seu funcionamento equilibrado e manter o sistema social em operação. Essa idéia de equilíbrio, baseia-se numa certa analogia entre a sociedade e o organismo; na medida em que as diferentes partes - interdependentes a princípio - da sociedade estão coordenadas para conservar a unidade do sistema como um todo completo.

Na ótica funcionalista, os fenômenos sociais não ocorrem para os resultados úteis que produzem mas, possuem causas e funções específicas para manter uma estrutura. Aliás, função e estrutura são conceitos essenciais do funcionalismo.

Os teóricos que mais se destacam nesta corrente de pensamento nas Ciências Humanas são: Spencer, Durkheim, Malinowski, Redcliffe-Brown, R.K. Merton e Talcott Parsons.

Entendendo estes princípios básicos, fica mais fácil compreender porque é funcionalismo pensar o lazer como compensação do trabalho. Compensação lembra equilíbrio. Assim, o lazer não existe simplesmente para proporcionar prazer, ele tem sua função de recuperar a ordem e a unidade

e manter a "paz social" quando o trabalho, por um acaso, não cumprir seu papel ou ocasionar algum tipo de desordem social. O lazer se configura num remédio ou solução para a alienação, indicação para a harmonia social.

As discussões que serão apresentadas nos capítulos seguintes sobre todas estas questões até aqui abordadas, terão como referencial metodológico o materialismo histórico dialético.

Enquanto segmento da filosofia marxista, o materialismo histórico "estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos Homens, no desenvolvimento da humanidade" (3), se configurando sempre como dialético numa dimensão não só da teoria do ser enquanto ser em si mesmo mas, também na dimensão gnosiológica, que considera e enfoca os limites da faculdade humana.

A expressão "materialismo histórico" foi introduzida em 1889 por Engels ao afirmar que " a concepção materialista da história parte do princípio de que a produção e, junto com ela, o intercâmbio de seus produtos constituem a base de toda a ordem social... As causas últimas de todas as modificações sociais e das subversões políticas não devem ser procuradas nas cabeças dos homens, mas nas transformações dos modos de produção e de intercâmbio." (4)

O materialismo histórico estuda o conhecimento enquanto expressão histórica, buscando os fundamentos reais da sociedade nas formações sócio-econômicas e nas relações de

produção. Esta filosofia é materialista na medida em que o marxismo considera uma supremacia da matéria em relação ao espírito ou à consciência. É a consciência um produto da matéria e seu reflexo. "A idéia materialista do mundo reconhece que a realidade existe independentemente da consciência." (5)

A transformação da natureza e da sociedade e o processo de conhecimento dos Homens se configuram em teoria e prática nas categorias filosóficas do marxismo. Para Marx, a solução de contradições teóricas é possível unicamente pela vida na prática. É na "luta dos contrários" que se percebe o materialismo dialético. São as contradições que geram movimento e transformação. A contradição é, portanto, a essência da dialética.

No Manifesto Comunista, Marx deixa claro que toda a história da sociedade humana, até os nossos dias, é a história da luta de classes.

Pode-se perceber, pela essência dos pensamentos funcionalista e marxista, que eles se opõem radicalmente (pela raiz). O funcionalista nega a contradição, o conflito e o processo histórico. O marxismo afirma e se baseia nestes fatores. Além disso, são completamente diferentes os meios pelos quais se atinge a "ordem social", no funcionalismo e no marxismo.

CAPITULO 1 - REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO E O LAZER

"Antes de tudo o trabalho é um processo de que participam o Homem e a Natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços, pernas, cabeça e mãos, afim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-o, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais."(6)

Esta apreciação de Marx sobre o trabalho é fundamental para o entendimento de que é essa relação que o ser humano trava com a natureza que basicamente o diferencia do animal. O Homem se torna, assim, sujeito do processo social através do trabalho, que é também responsável pelo progresso da produção dos bens materiais. Para Marx, é no processo social que o Homem se humaniza. Para E. Fromm, no processo de trabalho, isto é, no processo de moldar e mudar a natureza exterior a ele, o homem molda e modifica a si mesmo.(7)

A palavra trabalho originou-se de tripalium, instrumento dotado de três pontas de ferro com o qual os

agricultores batiam o trigo e as espigas de milho para rasgá-las e esfiapá-las. Mas, tripalium é muito conhecido como um instrumento de tortura. O verbo tripaliare em latim significa torturar. Por muito tempo, a palavra trabalho significou tortura, teve esta conotação.

Hoje, a ligação da palavra trabalho à tortura não é tão frequente, apesar de dificilmente deixarmos de lembrar de sofrimento quando pensamos em trabalho. Ou pelo menos, uma coisa é certa: não associamos com facilidade as atividades de trabalho ao prazer - salvo exceções.

É bem aceita a concepção de trabalho como "processo no qual o Homem põe em atividade suas forças espirituais ou corporais, tendo em vista um fim determinado que deve ser realizado ou alcançado." (8)

Estas palavras fazem um certo sentido, embora represente uma sociedade harmoniosa que se contrapõe à realidade diária e cotidiana da maioria das pessoas que trabalham, além de não darem conta de configurar a totalidade do processo de trabalho.

Podemos aceitar, por exemplo, uma visão diferente para designar trabalho : atividade que exerce por conta de um terceiro, em troca de salário, segundo condições e horários fixados por aquele que paga e visando fins que normalmente não são escolhidos por quem a executa e que dificilmente o beneficiam.

Não é difícil escutar um trabalhador afirmando que seu

emprego é apenas um meio necessário para ganhar dinheiro, que trabalha para "ganhar a vida".

Este tema - o trabalho - é bem complexo e até polêmico, como pelo fato de o indivíduo moderno encontrar dificuldade em dar sentido à sua vida se não for pelo trabalho. Mas, será que, nos tempos atuais, o sentido da vida está no trabalho por si só ou no salário proveniente dele e que permite ao indivíduo inserir-se na sociedade através do consumo ?

Acredito que, por falta de opção (?) e/ou por pura acomodação ao sistema, a maioria dos trabalhadores deixa dominar-se pelo trabalho, pelo seu ritmo e pelas suas exigências. Acaba por esquecer que pode e deve ter prazer; inclusive no próprio ambiente de trabalho.

Originalmente, há liberdade no trabalho humano. Hoje, é mais comum esta mesma liberdade ter que ser conquistada pois, como afirmam os marxistas, "o trabalho pertence ao reino das necessidades" (9). Necessidades geradas pelo sistema capitalista e que são incorporadas pelos indivíduos.

São os mesmos marxistas que explicam a alienação pelo trabalho: basicamente o trabalho é alienado do trabalhador porque quem o produz não detém, não possui nem domina os meios da produção. Dessa forma e, generalizando, o trabalhador é um Homem alienado porque desprovido de si mesmo. A ação humana acaba, em grande parte, transformando-se, através do trabalho, em mercadoria igual a qualquer outra do mercado.

A alienação do trabalho é analisada por Marx nos "Manuscritos" como: a) estranhamento do operário do produto do trabalho; b) estranhamento da atividade produtiva, que de primeira necessidade se tornou atividade coagida; c) estranhamento da essência humana enquanto a objetivação do gênero humano está degradada em atividade instrumental em vista da mera existência particular; d) estranhamento dos homens entre si em relações de antagonismo e concorrência. (10)

Um outro fator importante de se relevar é a alienação do Homem ao ritmo do trabalho. Normalmente, o trabalhador não decide sobre o tempo gasto no seu trabalho. O tempo lhe é imposto também. E este tempo, sobretudo nas sociedades capitalistas industriais, passa a significar dinheiro e não pode ser desperdiçado. De maneira geral, o tempo de trabalho não oferece a possibilidade da afirmação individual. Isso ocorre porque são os trabalhadores que se adaptam a ele.

Mas esta adaptação ao tempo de trabalho e às necessidades geradas pela sociedade industrial, muitas vezes não passa despercebido para o Homem. Marcuse demonstra sua inquietação em relação a isto, dizendo: "Se os indivíduos se encontram nas coisas que moldam a vida deles, não o fazem ditando mas, aceitando a lei das coisas - não a lei da Física mas, a lei da sociedade. Acabo de sugerir que o conceito de alienação parece tornar-se questionável quando os indivíduos se identificam com a existência que lhes é imposta e têm nela seu próprio desenvolvimento e satisfação.

Essa identificação não é uma ilusão mas, uma realidade. Contudo, a realidade constitui uma etapa mais progressiva da alienação. Esta se tornou inteiramente objetiva. O sujeito que é alienado é engolfado por sua existência alienada."(11)

Sem dúvida, a alienação vista sob esta ótica - diferente da idéia original de Marx - me leva à seguinte pergunta: alienar-se é uma questão de opção ?

Se a resposta for afirmativa - o que eu não acredito - então, o processo de desalienação torna-se algo muito mais simples do que parece. Acredito que a insatisfação no trabalho pode ser, e na maioria das vezes é, consciente, bem como a própria alienação. Acredito ainda, como já mencionei, na aceitação e acomodação do ser humano mas, não sei se poderíamos afirmar que isto é uma questão de opção tão simplesmente.

Isso porque, perceber-se alienado não significa necessariamente ter optado pela alienação. Perceber-se alienado me parece um importante ponto de partida para optar em continuar o sendo ou não. É importante lembrar que a alienação não está presente só no trabalho mas em qualquer área da atividade humana.

O termo "alienação" em ciências sociais significa geralmente um afastamento ou separação de partes ou do todo da personalidade em relação a aspectos significativos do mundo empírico.

O Dicionário de Ciências Sociais considera alienação como " estado ou resultado da conformidade perante

expectativas institucionais em papéis sociais segmentados, nos quais o desempenho de funções especializadas, determinado pela divisão do trabalho e pelo sistema de dominância de certos grupos, priva a personalidade total das oportunidades de exercer concretamente um julgamento racional e assim de aplicar sua força criativa para influenciar as condições de sua própria existência. A conformidade sem envolvimento transforma-se em submissão à necessidade, representada por exigências objetivas e alheias, e não por necessidades pessoais subjetivas, enquanto o desempenho de papel perpetua as condições dessa existência alheada."

Segundo Georges Friedman, "a insatisfação no trabalho, seja ela consciente ou não, exerce uma ação permanente e múltipla sobre a vida fora do trabalho, uma vez que se traduz por fenômenos de evasão para atividades laterais." (12) Para Friedmann, é a insatisfação no trabalho um dos principais aspectos desta alienação. E acrescenta: "o Homem alienado, na civilização técnica do capitalismo, é infeliz; ao consumir diversão, procura reprimir a consciência de sua infelicidade. Empenha-se em ganhar tempo e, em seguida, se inquieta em matar o tempo que ganhou." (13)

Na realidade, não se pode deixar de considerar uma outra esfera da atividade humana, além do trabalho: o lazer, para que possamos compreender o Homem como uma totalidade.

Se faz cada vez mais emergente, a meu ver, uma reformulação e superação da concepção maniqueísta do Homem, visando compreendê-lo na sua totalidade , enquanto unidade.

Sendo assim, compreender o Homem apenas pelo trabalho é pensá-lo como um ser que se divide para vivenciar suas atividades. Ao mergulharmos nas análises do Homem enquanto trabalhador, muitas vezes nos esquecemos de que ele não se constitui apenas no ou pelo trabalho. Ele não é e não está dividido no mundo.

Então, o mesmo Homem que trabalha, vivencia as atividades de lazer, embora as experiências presentes em uma determinada atividade possam modificá-lo de forma a alterar seu comportamento em outra .

16/02/2020

O lazer também é um tema bastante amplo, o que causa uma dificuldade em defini-lo. Para entendê-lo é fundamental a percepção de que existem duas fortes variáveis que o caracterizam : o tempo e a atitude (Embora alguns autores mais recentes considerem uma terceira variável, qual seja do espaço).

A variável atitude considera o lazer como um estilo de vida. "O lazer considerado como atitude será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida basicamente, a satisfação provocada pela atividade. Assim, qualquer situação poderá se constituir em oportunidade para a prática do lazer - até mesmo o trabalho."(14)

A variável tempo considera o lazer segundo a idéia de tempo livre, de liberação, não só do trabalho, como também das obrigações diárias com a sociedade de forma geral.

Sem dúvida, as relações sociais e psicológicas existentes entre o tempo e as atitudes são fundamentais para o entendimento do lazer. A temporalidade é, se não abuso, a condição da vida humana pois, nossa existência se constrói no tempo e nele decorre.

O tempo pode ser visto segundo dois critérios: o da objetividade - que o torna mensurável - e o da subjetividade - que o torna particular, diferente para cada indivíduo. Sarah Bacal (15) parece dar um enfoque central à variável tempo ao analisar o trabalho e o lazer. Ela denomina "tempo necessário" o tempo despendido para a execução das tarefas

de trabalho, "tempo liberado" o tempo que o homem dispõe após o tempo necessário e "tempo livre", como sendo uma parcela do tempo liberado, pressupondo a liberdade de escolha do que fazer (ou não fazer).

A conceituação de lazer elaborada pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier tem boa aceitação entre a maioria dos teóricos do assunto. Ela pode ser assim enunciada: "Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais." (16)

De modo geral, a maioria dos teóricos do lazer acaba considerando as duas variáveis - tempo e atitude - na elaboração de seus conceitos. Portanto, o lazer seria uma atividade escolhida pelo indivíduo e praticada durante um tempo que lhe é disponível, de forma a proporcionar descanso físico ou mental, divertimento, desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade. Os conteúdos dessas atividades abrangem diferentes interesses que foram indicados por Dumazedier como: físicos, práticos, artísticos, intelectuais e sociais.

Para Renato Requixa, devemos entender o lazer como "uma ocupação não-obrigatória, de livre escolha do indivíduo que

a vive e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social."(17)

Tanto na conceituação de Dumazedier como na de Requiza, subentende-se que lazer significa ocupar-se por livre escolha e de acordo com seu interesse. Mas, a nível de senso comum, predomina a idéia de lazer enquanto tempo de não fazer nada; e só. Isto provém do desconhecimento da distinção entre lazer, ócio e ociosidade.

Ocio, derivado do latim otium, traz consigo a idéia de tranquilidade, de repouso, de nada fazer. Já o lazer, deriva do verbo licere, que em latim quer dizer "ser permitido", "poder", ou seja, ao lazer está ligada a idéia da liberdade de fazer.

Nelson Carvalho Marcellino (18) coloca lazer e ócio num mesmo campo, salientando que o que os diferencia é a opção por contemplação ou por atividade. A ociosidade está em outro campo pois, ela não compreende opção nem por ocupação nem por contemplação. Assim, o tempo de desemprego não é disponível mas, desocupado - o que sugere ociosidade.

Então:

LAZER = opção pela ação ou contemplação no tempo disponível;

OCIO = opção pelo não-uso do tempo disponível em atividades ou como possibilidade do tempo de lazer e,

OCIOSIDADE = não há possibilidade de opção.

Na visão hegemônica sobre este assunto , estas distinções não são claras, a começar pelo próprio dicionário (Dicionário Aurélio), que traz o seguinte:

LAZER = Tempo disponível, descanso, folga.

OCIO = Descanso de trabalho, folga, lazer, vagar.

OCIOSO = Que não trabalha, desocupado. Em que há ócio. Preguiçoso. Ociosidade.

A ociosidade não complementa nem compensa o trabalho, ela o substitui. Isso é fundamental. Para Joffre Dumazedier, "o lazer não é a ociosidade, não suprime, supõe o trabalho. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho ao fim do dia, da semana, do ano ou da vida funcional".(19)

Para o professor João Ribeiro Junior (20) está implícito no ócio o desejo de não fazer nada, representando assim, o descanso absoluto e a produção de valores, não materiais como pelo trabalho mas, espirituais - o que favorece o desenvolvimento integral do Homem.

Sendo assim, me pergunto : Não há lazer se não há trabalho ou se não há obrigação ? A resposta é não. Sobretudo porque lazer implica em tempo "disponível" para que ele ocorra. A libertação das obrigações é uma condição sine qua non para o lazer. Esta concepção apresenta um problema, no meu entender: saber se existe para o Homem algum momento no qual ele possa estar totalmente livre de obrigações ou de regras sociais .

Na realidade, o importante no lazer é que ele compreende a vivência de uma ação - que pode ser "práxis" - ou de contemplação, num tempo disponível para que isso ocorra, objetivando fundamentalmente o prazer e a satisfação.

J. Dumazedier estabelece determinadas situações - que ele denominou de "semilazer" - nas quais se confundem obrigatoriedade ou trabalho com prazer e descompromisso. Para ele, se o lazer obedecer a um fim lucrativo, mesmo sem se configurar como obrigação e mesmo sem haver perda da satisfação pessoal, não é mais lazer no sentido total do termo, tornando-se um lazer parcial ou "semilazer".

"O "semilazer" é uma atividade mista, em que o lazer se impregna de uma obrigação institucional, é o que ocorre quando o esportista é pago por uma parte de suas atividades, quando o pescador vende alguns peixes, quando o jardineiro, amante das flores, cultiva alguns legumes para se alimentar(...)" (21)

Me parece complicado separar rigidamente as atividades humanas, de forma a determinar até o que seja lazer ou semilazer (ou ainda, antilazer), ócio ou lazer, lazer ou obrigação, lazer ou consumo, entre outras coisas, pois, dessa forma, se estabelecem limites para as ações humanas. O que quero dizer é que existe uma diversidade e riqueza no arsenal humano que gera realidades diferentes para cada sociedade e para cada indivíduo, impregnando a vida cotidiana de valores e atitudes de âmbito cultural.

O Homem pode analisar e interpretar estes valores e atitudes culturais da vida cotidiana pela razão ou pela intuição (pelo sentimento) mas, acaba supervalorizando - com a ajuda da ciência - o racional. Aí, a realidade passa a ter um significado fragmentado, o que, na maioria das vezes, assume-se como o conhecimento verdadeiro. Fritjof Capra, ao tentar mostrar que o racional e o intuitivo se complementam, afirma:

" O pensamento racional é linear, concentrado, analítico. Pertence ao domínio do intelecto, cuja função é discriminar, medir e classificar. Assim, o conhecimento racional tende a ser fragmentado. O conhecimento intuitivo, por outro lado, baseia-se numa experiência direta, não-intelectual, da realidade em decorrência de um estado ampliado de percepção consciente. Tende a ser sintetizador, holístico e não-linear."(22)

CAPITULO 2 - O LAZER E AS ABORDAGENS DA COMPENSAÇÃO

Como já foi citado, a classificação do lazer enquanto atividade compensatória ou recuperatória da energia que se perde nos momentos de obrigações - sobretudo os de cunho profissional - se caracteriza numa abordagem funcionalista, na medida em que compensação e recuperação sugerem equilíbrio numa sociedade harmônica; além de considerar o lazer como algo que só pode ser fundamentalmente bom.

Nelson Carvalho Marcellino (23) agrupa as abordagens funcionalistas do lazer da seguinte forma:

1) abordagem romântica, marcada pela ênfase nos valores tradicionais e pela nostalgia do passado "florido";

2) abordagem moralista que, motivada pela ambiguidade do lazer considera seu caráter construtivo;

3) abordagem compensatória, na qual o lazer compensaria a insatisfação e alienação do trabalho;

4) abordagem utilitarista, que reduz o lazer à função de recuperar a força de trabalho.

Todas estas abordagens são maneiras conservadoras de se pensar o lazer, pois atribuem a ele a função de manter a ordem e estabelecer a "paz social", negando a existência de contradições geradas historicamente pelo e no sistema.

Para Renato Requixa, como já foi citado, o lazer permite ao indivíduo condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social, o que nos sugere a associação do lazer a um remédio que tem o poder da cura.

Mas, a cura propiciada pelo remédio tem uma eficácia, na maioria das vezes simbólica - além do fato de os remédios ocasionarem efeitos colaterais...

Metáforas à parte, é fundamental o entendimento de que é altamente conservador instrumentalizar o lazer para que nele as pessoas se ajustem à sociedade de forma a suportar a sua disciplina e as suas imposições. Na visão do lazer como recuperação da força de trabalho, está presente, no meu entender, a compreensão do lazer como atividade complementar ao trabalho; enquanto que na visão de lazer como compensação da alienação, estaria presente a oposição entre trabalho e lazer. Ou seja: abordagem compensatória opõe trabalho ao lazer e abordagem recuperatória pressupõe que o lazer complementa o trabalho.

De qualquer maneira, está implícita a noção de uma sociedade harmônica, onde poderíamos destacar a seguinte lógica:

- 1) o Homem utiliza - sem nenhum problema - suas forças para alterar a natureza visando fins específicos e úteis para a sociedade;
- 2) depois de ter despendido suas energias no trabalho, ele merece seu descanso e se utiliza das atividades de lazer ou do ócio;
- 3) descansando e/ou recreando-se, ele recupera automaticamente suas forças para que sejam novamente despendidas no trabalho do próximo período.

Este ciclo aparentemente natural e supostamente equilibrado não considera nem a contradição nem a História na qual decorrem conflitos e representa alguns valores típicos de concepções funcionalistas do lazer que buscam a "manutenção do status quo através de um falso humanismo." (24)

Newton Cunha, ao afirmar que as atividades de lazer são vistas como compensatórias da alienação do trabalho, pondera que : "se assim é, recortamos a integridade humana do indivíduo em momentos e situações distintas. Fragmentamos as tensões para que elas possam ser inibidas e satisfeitas. Geramos mais uma oposição entre a liberdade e a necessidade.." (25)

Nesse sentido, o lazer visto enquanto assimilador de tensões - no intuito de compensá-las - desvia a atenção dos problemas pessoais e sociais da exploração. Sobre este assunto, Marcellino lança uma questão digna de reflexão: "A tensão, em certo grau, não seria necessária para a percepção da problemática individual e social ? " (26)

Um dos riscos de se considerar o lazer como antídoto compensador e recuperador é de se cair num "elogio ao lazer", o que substituiria o já vigente "elogio ao trabalho". Como dizia Bertrand Russel, "perigoso é cair em extremos de elogio e fascinação ou só pelo trabalho ou só pelo lazer." (27)

Este elogio ao lazer evoca sua qualidade própria para o consumo. Como afirma Roger Sue, " o lazer deve também servir

aos objetivos de desenvolvimento econômico (...) pois o tempo do lazer permite a recuperação da força de trabalho e mesmo o alargamento desta força de trabalho com o aumento do tempo livre. É porque as práticas de lazer introduzem um eixo entre todas as atividades permitindo enriquecer e tornar mais eficaz o trabalhador no exercício de sua profissão. A principal função atribuída aos lazes é de adaptar melhor o Homem ao seu trabalho, de melhorar suas aptidões e seu rendimento, de torná-lo mais produtivo. O lazer é literalmente uma "reserva de produtividade".(28)

Para Baudrillard, o Homem é a tríade trabalhador / poupador / consumidor. Para Marx, a produção é imediatamente consumo que é por sua vez imediatamente produção. Nesta lógica, "cada qual é imediatamente seu contrário "(29)

Assim, considerando as funções compensatórias e de recuperação atribuídas ao lazer, ele passa a exercer, como o trabalho, um importante papel no sistema capitalista de produção; apesar da constatação de Roger Sue em seu livro " Le Loisir " de que nas sociedades socialistas, o lazer também é canalizado para o rendimento do trabalho e para melhorar as performances do sistema econômico.

Lilian do Valle leva em consideração que a mesma dominação que a sociedade exerce sobre o trabalho é exercida também sobre as atividades fora dele. E ela continua seu raciocínio: "Considerando-se a questão do ponto de vista do indivíduo que trabalha, o seu trabalho já não corresponde a

uma necessidade sua, assim como suas atividades fora do trabalho passa a atender diretamente à satisfação não de suas necessidades mas, das exigências da produção: recomposição física e mental, reprodução da força de trabalho. Se originariamente as necessidades humanas conduzem à produção de objetos para satisfazê-las, ao mesmo tempo a produção cria novas necessidades." (30)

Assim, as necessidades naturais do Homem - aquelas para sua subexistência - acabam dissimuladas pela necessidade de dinheiro para o consumo. Como afirma Maria Isabel Faleiros, "o trabalho perde sua força natural que visa a satisfação das necessidades para dar lugar a um caráter alienante, o de ser o único meio de obtenção de dinheiro que, por sua vez, permite a apropriação de objetos". (31) Nesse sentido, a alienação do homem se dá também pela necessidade não-natural de dinheiro, a qual mantém um vínculo firme entre o trabalhador e seu trabalho.

Este tipo de necessidade é condicionada pelo desejo de satisfação e se torna artificial, ou seja, o sistema acaba determinando as necessidades do Homem, até mesmo as naturais. A fome, por exemplo, é por si só uma necessidade natural mas, a fome de determinado tipo de alimento é uma necessidade condicionada. O mesmo é válido para a habitação, vestimenta, saúde etc. Pode-se dizer, então, que as necessidades são dissimuláveis e dissimuladas; sobretudo quando vistas inseridas no processo das relações sociais que os Homens travam entre si.

A partir deste raciocínio, fica fácil perceber uma certa limitação no conceito de lazer proposto por Dumazedier pois, ao classificar as atividades de lazer tendo em vista a satisfação de necessidades humanas baseadas nos interesses físicos, práticos, sociais, intelectuais e artísticos, ele não leva em consideração a dinâmica social na qual elas se constituem.

Maria Isabel Faleiros considera funcionalista e positivista o que ela denomina de "tipologia classificatória" de Dumazedier. Segundo ela, o pensamento do sociólogo francês se encaixa perfeitamente no raciocínio da relação funcional, qual seja : " dado o conjunto das necessidades básicas (orgânicas) o Homem produz respostas culturais correspondentes, reunidas em instituições que compõem o conjunto cultural". (32)

As atividades de lazer propostas por Dumazedier são desenvolvidas em função de determinadas necessidades e realizadas longe das obrigações institucionalizadas. Mas ele afirma que "não se pode mais aceitar a idéia de lazer como uma compensação do trabalho. Há toda uma espécie de reivindicação, de contestação humana que está sob o lazer." (33)

Georges Friedman é um autor que pode se encaixar no quadro dos funcionalistas, pois para ele o lazer é entendido como possibilidade de reencontrar um equilíbrio físico e mental comprometido pela vida no trabalho. Para ele, o processo de produção industrial - ou o "trabalho em

migalhas" - desestrutura a personalidade humana, a qual só pode ser remediada pelo lazer.

Roger Sue, analisando Friedman, diz: " O lazer suscita uma verdadeira liberação do homem em relação a seu trabalho. De um lado, a penalidade do trabalho deveria ser reduzida graças a um tempo de repouso e de recuperação mais longo. De outro lado, os lazeres deveriam agir como uma compensação face ao trabalho suportado." (34)

Renato Requixa afirma claramente que, nas sociedades modernas, "é através das atividades de lazer que o indivíduo tem ocasião de recuperar as energias gastas em seu trabalho ou nas demais obrigações que enfrenta na vida cotidiana." (35) Para ele, o lazer possui valores que propiciam ao Homem : recuperação psicossomática, desenvolvimento pessoal e social, além de educação.

Requixa cita e endossa Paul Sivadon - Presidente da Liga Européia de Higiene Mental : " O lazer corresponde a uma forma de atividade que se opõe ao trabalho, porque responde mais a exigências biológicas que a exigências sociais (...). Na medida em que o trabalho moderno não oferece mais essas satisfações (da necessidade de movimento, de expressão, de criação e de troca social), o Homem deverá encontrá-las no lazer." (36)

Luiz Otávio L. Camargo, também sociólogo, enfatizando o caráter liberatório (de obrigações) do lazer, afirma que ele "busca compensar ou substituir algum esforço que a vida social impõe." (37) O autor ainda enfatiza que "esta é a

propriedade mais óbvia do lazer". E continua: "o lazer é compensatório na sua forma mais crua, de liberação da fadiga e de reposição das energias para o trabalho no dia seguinte."

Dumazedier, em seu livro "Lazer e cultura popular", estabelece três funções básicas do lazer intimamente ligadas umas às outras, tendo em vista a sociedade urbano-industrial. São elas: relaxamento - que libera o indivíduo da fadiga e repara as deteriorações físicas e nervosas provocadas pelas obrigações cotidianas; recreação - que deve permitir ao indivíduo liberdade de escolha em atividades nas quais encontre satisfação e, desenvolvimento - que permite uma participação social maior e mais livre.

Argyris, citado por Parker (38) critica a idéia de lazer como compensação para o trabalho dizendo que "se as pessoas tendem a experimentar a dependência, a submissão, a frustração, o conflito e as perspectivas limitadas no trabalho, e se se adaptam a tais condições por meio de retração psicológica, apatia, indiferença e uma diminuição na crença de seu valor como seres humanos, essas atividades adaptadoras tornam-se mais importantes em suas vidas e orientarão o seu comportamento no lazer, além desse comportamento no lugar do trabalho. Essas pessoas procurarão atividades de lazer que estejam de acordo com as atividades adaptadoras."

CAPÍTULO 3 - ALGUMAS PREMISSAS ACERCA DO PENSAMENTO FUNCIONALISTA DO LAZER

A partir das concepções funcionalistas dos diferentes teóricos citados, pode-se estabelecer algumas premissas:

- 1) que todo trabalho é ruim e aliena,
- 2) que todo lazer é bom e liberta,
- 3) que somente através do lazer pode haver recuperação do trabalhador,
- 4) que o trabalho influencia e determina o lazer,
- 5) que todo trabalhador (supostamente igual) pode dispor de lazers (supostamente iguais e disponíveis para todos),
- 6) que a função do lazer afirma e mantém o Homem na sua condição de trabalhador e,
- 7) que só se pensa em lazer colocando-o numa relação de oposição ao trabalho.

O entendimento dessas premissas é fundamental para a reflexão crítica das abordagens funcionalistas do lazer.

A idéia de trabalho associada à algo ruim tem uma origem histórica e reforça a redução da concepção de trabalho. Na verdade, grande parte das atividades profissionais estão fortemente amarradas aos valores e objetivos do sistema capitalista mas, trabalho não é necessariamente ruim e alienante. Nem todo trabalho está

diretamente ligado ao sistema de produção material capitalista.

Como já foi lembrado no início desta monografia, trabalho não é obrigatoriamente operário. É difícil perceber em que medida um professor, por exemplo, está participando do processo de produção pois, sua participação no processo não se dá diretamente; seu trabalho não pode ser considerado um "trabalho produtivo", nos termos do próprio Marx. Não é nada comum pensar num professor como um trabalhador alienado. Primeiro, porque pensamos logo em trabalhador alienado como aquele que se fecha numa fábrica e permanece numa linha de montagem executando o mesmo movimento durante toda a sua jornada de trabalho. Isso é estereótipo de trabalhador alienado, como tão graciosamente nos mostrou Chaplin no seu filme "Tempos Modernos".

Este estereótipo de trabalhador alienado acabou se tornando uma visão hegemônica que converte qualquer atividade de trabalho em algo necessariamente alienante. Acredito que isso ocorreu, em grande medida, por uma interpretação generalizadora dos trabalhos de Marx - que desenvolveu suas teorias a partir do trabalho nas fábricas em um momento histórico diferente do atual.

A alienação existe sim, sua presença é bastante significativa, mas não só no trabalho, como na vida cotidiana de qualquer cidadão. Por não ser algo mensurável, sua existência não é facilmente percebida em muitas situações, como nas micro-relações sociais ou no próprio

lazer , por exemplo. Além disso, a alienação enquanto fenômeno social, econômico ou psicológico é analisada diferentemente, conforme o autor ou o referencial teórico.

E. Fromm , discutindo Freud no seu texto "Consciência e sociedade industrial", afirma ser a ansiedade o principal motivo que leva as pessoas a obedecerem e adaptarem-se à uma realidade que, na maioria das vezes, é condicionada pela sociedade. Ele afirma que "grande parte do que acreditamos ser a verdade nada mais é que o consenso da maioria, manipulado por aqueles que detêm o poder." É extremamente relevante a consideração e estudo da participação do consenso na questão da alienação pois, ele transforma o imoral em moral , o irracional em racional , o feio em bonito ...

Ainda na mesma linha de raciocínio, Fromm acrescenta que muitas experiências não são conscientes devido a ação do que ele denominou "filtro social", i.é., o sistema de conhecimento que opera enquanto o homem se ocupa das tarefas da sobrevivência, tem um esquema pré-determinado pela estrutura social. O "filtro social" compõe-se essencialmente de três partes:

- 1) linguagem - é difícil obter conhecimento de algo que não se designe pela palavra ;
- 2) lógica - não existe só a Aristotélica na qual A não pode ser não-A , mas também a lógica dialética onde A é A e ao mesmo tempo não-A. Nesse sentido, "cada sociedade compreende

dentro de si mesma sua própria negação, ou seja, é o que é e ao mesmo tempo é sua própria negação " ;

3) tabus sociais - os assuntos em que não se deve pensar, para que as coisas continuem do jeito que estão.

Numa abordagem psicológica, Fromm determina a alienação do indivíduo na sociedade industrial como a perda de sua própria identidade. Para ele, grande parte do que este indivíduo sente é, na realidade, "um pensamento sobre um sentimento" e não o sentimento em si.

Acredito que vale a pena citar aqui um trecho do texto de E. Fromm sobre a consciência e a sociedade industrial:

" O que me parece realmente reprimido no homem industrial é a sua ansiedade, sua falta de identidade, sua apatia e sua grande insegurança, do que tenta salvar-se unindo-se à multidão, não sendo diferente do que os outros são, pensam e sentem. De fato, deve-se dizer que o homem da sociedade industrial ainda é homo faber, o animal que produz. Na segunda revolução industrial, homo faber significa que ele não só produz para substituir a energia humana ou animal pela mecânica, mas que também produz para substituir a inteligência humana pela máquina. Assim, ele se converte num homo faber melhorado. Sem dúvida, ele também é um homo consumens, isto é, um homem cujo principal objetivo é consumir e para quem o mundo inteiro, as riquezas do mundo, se transformaram em artigos de consumo. As razões econômicas de tudo isso são demasiado evidentes e não é necessário mencioná-las. A única pergunta que deixa de ser

feita é se o homem da sociedade industrial ainda é homo sapiens, se este for definido como um animal que utiliza a inteligência com o objetivo de sobreviver."

Estas são questões polêmicas e abrangentes, que transcendem a discussão proposta nesta monografia mas, não podem deixar de serem levadas em consideração pois, na relação trabalho/lazer supõe-se necessariamente o Homem e é ele quem gera, vive e pode vencer a alienação.

Por outro lado, é preciso lembrar que existem atividades profissionais que, embora obrigatórias, são exercidas por profissionais que gostam do que fazem e fazem porque assim puderam optar. Apesar de eventuais dificuldades, problemas, tensões ou cansaço, determinadas profissões são boas e interessantes e não precisam estar alienando quem as exerce. (39)

A alienação é, basicamente, caracterizada pela perda ou distanciamento da identidade pessoal ou coletiva, relacionada com uma situação negativa de dependência ou falta de autonomia. Assim, poderíamos designar alienantes aquelas tarefas que são puramente executivas e que despersonalizam quem as executa; o que pode também acontecer nas atividades de lazer.

Existem profissões que possibilitam criação, ao invés de simples execução, além de possibilitarem uma vivência mais crítica na sociedade, como os artistas de forma geral ou alguns terapeutas, por exemplo. Assim, da mesma forma que não devemos crucificar o trabalho, não devemos

sacralizar o lazer . Ele não é necessariamente maravilhoso, dotado de "chaves mágicas" que libertam o trabalhador estereotipado da alienação.

Acreditar no lazer como momentos semelhantes aos que se passariam num paraíso é esconder muitas diferenças existentes na vida em sociedade, além de estar sendo extremamente romântico. É preciso compreender o lazer como elemento de uma cultura no seu sentido mais amplo que pode contribuir bastante para atenuar os efeitos provocados não só pelo trabalho como pelo ritmo acelerado da vida moderna.

Então, o lazer também tem componentes de descanso e de divertimento? Claro que sim! Mas o que a visão funcionalista faz é reduzir ao lazer somente a função de válvula de escape, simplesmente do ponto de vista compensatório. Acaba compreendendo lazer somente enquanto entretenimento, não considerando seu potencial educativo e de desenvolvimento. Além disso, ao se pensar em lazer como única forma de recuperação do trabalhador, elimina-se, logo de início, a possibilidade de se trabalhar sem sofrer, sem perder algo que deva ser resgatado mais tarde pelo lazer.

Elimina-se ainda a necessidade de alteração deste trabalho que aliena. Se o trabalho aliena, é inserido no seu processo que o trabalhador deveria se empenhar para encontrar caminhos de desalienação. Assim, atribuindo poderes mágicos ao lazer, esconde-se a possibilidade de transformações no sistema de trabalho, algo bem mais complexo que a lógica simplista do funcionalismo não

considera...

Só é possível , no meu entender, pensar num "novo lazer" a partir de uma nova sociedade. É por isso que não concebo como " corretas" as abordagens funcionalistas pois, para elas , a sociedade é, em última instância, estática. Para esta nova sociedade, a qual julgo necessária e emergente, é preciso que se tenha uma visão dinâmica de sociedade.

Considerar o lazer como remédio ou solução que cura as doenças provocadas pelo trabalho é gerar uma relação entre trabalho e lazer marcada pela oposição. O que ocorre no trabalho pode influenciar o que ocorre no não-trabalho mas, não existe nada que comprove uma relação determinante e unilateral. Ocorre realmente que, quando um trabalho leva o Homem à privação de algo, isso pode resultar em busca compensatória nos momentos de lazer mas,não podemos deixar de pensar no inverso, quando o lazer, recuperando o trabalhador, estará determinando o seu rendimento no trabalho.

Os autores funcionalistas, de forma geral, sugerem que o trabalho leva ao desenvolvimento de certos traços psicológicos, sociais e comportamentais e à estilos de vida que se estendem ao lazer. Isso é uma possibilidade frequente mas, não deve ser considerado como regra geral. É verdade, por exemplo, que o tempo de trabalho acaba determinando o tempo disponível para o lazer mas, isso não ocorre para todos os trabalhadores. Os profissionais autônomos possuem,

de forma geral, relativo poder de decisão na sua profissão se comparados àqueles trabalhadores assalariados que cumprem ordens de "superiores" e horários pré-determinados. Claro que estes profissionais não estão totalmente livres de regras ou obrigações simplesmente por não exercerem suas atividades sob a "supervisão" de um chefe...

Mesmo assim, não há como negar que, nas sociedades modernas capitalistas, o trabalho acaba ditando algumas regras da vida, sobretudo porque ele gera e absorve o dinheiro, direcionando o consumo da mercadoria produzida que, por sua vez, se dá predominantemente no tempo destinado ao lazer. Nesse sentido, como salienta Lanfant (40), a insistência na autonomia do tempo livre e do lazer é uma construção ideológica.

A partir dessa idéia, poderíamos dizer que o trabalhador aproveita do tempo livre para "vingar-se" do trabalho, consumindo ? Nelson C. Marcellino diz que "sujeitar-se a um emprego e depois relacionar-se com a vida através do consumo não basta." (41)

"A própria concepção do lazer como tempo de folga, como um tempo livre que se opõe ao tempo de trabalho revela até que ponto aprofundou-se a oposição entre vida e trabalho. E, no entanto, este próprio momento do não-trabalho foi absorvido pela embriaguez do consumo. Aproveitar o tempo livre passou a significar na sociedade do trabalho a necessidade de satisfazer ansiedades criadas pelo desejo nunca satisfeito de consumo voraz." (42)

Ecléa Bosi diz que "no trabalho e no lazer corre o mesmo sangue social; é de se supor que o processo de alienação em um gere o processo de alienação em outro".

Por acreditar numa sociedade estática e harmoniosa, o funcionalismo acaba não levando em consideração que uma sociedade pode ser dividida em classes, na qual as pessoas não têm a mesma oportunidade nem em relação ao trabalho nem em relação ao lazer.

Então, falar em lazer como se ele fosse manifestado de uma só maneira, implica em imaginar que ele é igualmente vivenciado por todos, o que não é real. Se o tipo de trabalho pode influenciar fortemente a opção de lazer e os trabalhos não são exercidos no mesmo nível, os lazeres provavelmente serão diferentes. É óbvio: um executivo ou banqueiro não vivencia seus lazeres nas mesmas condições que um pedreiro ou bancário.

Sendo o lazer, entre outras coisas, uma mercadoria na medida em que ele é consumido, ele também sofre as diferenças do poder aquisitivo e das condições econômicas, o que não exclui a forte influência dos diferentes níveis de manifestação cultural; ou seja, os fatores econômicos são fundamentais no consumo de mercadorias bem como na vivência dos lazeres mas, os hábitos culturais também são bastante relevantes na escolha e na prática do lazer.

É de suma importância o entendimento de que os fenômenos ou manifestações sociais - como o próprio lazer - dizem quase nada se não são contextualizados numa cultura

que é dinâmica no decorrer da História. Não há dúvidas da existência de uma relação da dinâmica cultural com o que se considera e o que se vivencia como lazer. Não tem como negar que qualquer atividade considerada como lazer está representando determinado estilo de vida, padrão cultural, tradição ou qualquer outra forma de manifestação cultural.

Se sociedade e cultura tecem a mesma teia num processo sempre contínuo através da História, é inevitável que a distinção entre "cultura popular" e "cultura erudita" não venha a ser reflexo da existência de oposição e luta de classes no interior da sociedade, onde cultura do povo é vista como cultura dominada e cultura da elite é a "melhor" cultura - ou ainda, só é cultura o que a elite vivencia ou faz.

Assim sendo, será que poderíamos dizer que existe o lazer do povo e o lazer da elite? Será que a chamada classe dominante exerce algum poder sobre o lazer da chamada classe dominada? Será que esta camada que está na base da pirâmide estrutural da sociedade não tem cultura porque não vai ao teatro ou a um filme de arte? (43)

Marilena Chauí costuma dizer que não é porque algo ESTA no povo que é do povo. Ela ainda diz que ao se pressupor uma cultura do povo e outra da elite, pressupõe-se "diferenciadas formas de representar e interpretar a relação com a natureza e com o homem." (44)

Sendo assim, é ingenuidade acreditar num lazer "democrático" no sentido de que ele possa ser vivenciado nas

mesmas proporções pelos diferentes segmentos sociais (não que eu não ache que ele não deva ser reivindicado). A simples constatação da realidade não nos mostra isso.

Maria Celina Albano e Celina Borges Lemos discutem que "dentro das sociedades capitalistas complexas é fato que a organização social constrói a partir da diferenciação e da discriminação com base na apropriação dos bens materiais simbólicos e na distribuição das riquezas. Tal constatação a priori inviabiliza a democratização de possibilidades, mas no entanto, esta se sustenta por um sentido ilusório garantido pela pretensa acessibilidade aos bens e mercadorias através das trocas simbólicas. Entretanto, as práticas cotidianas explicitam claramente as diferenças que dão conteúdo às relações sociais." (45)

Para estas autoras, o lazer é um componente fundamental no processo de democratização da cultura urbana, sobretudo porque acreditam que "discotecas, teatros, shows e concertos ao ar livre, feiras de artesanato, cinemas etc, são atividades , em princípio , acessíveis às diferentes classes sociais." (46)

Pode-se dizer que atribuir ao lazer - pensado de uma única forma - a função compensatória é acreditar que todo trabalhador sofre o mesmo tipo de problema em seu trabalho e que, portanto, precisa do mesmo tipo de lazer.

A análise da relação trabalho/lazer, nestes termos, fica parcial, partidária mesmo no sentido de que toma uma

posição. Só que esta posição é disfarçada por uma neutralidade que não é viável na prática, onde a manutenção do status quo pelo lazer não é relevada.

Por outro lado, a tendência dos autores funcionalistas - como têm sido analisadas até aqui - abrange uma idéia de que a recuperação do trabalhador para o dia seguinte, vai devolvê-lo ao trabalho da mesma forma de sempre, ou seja, o trabalhador exerce sua função, descansa e volta a exercer sua função da mesma maneira; como uma máquina que precisa ser desligada para não esquentar muito...

Isso sugere um continuismo, manutenção do sistema. Significa que pensar o lazer numa perspectiva funcionalista implica em concebê-lo como algo que não propicie transformações ou reflexões mais críticas. Ele não é pensado como momento educativo ou mesmo revolucionário. Ao contrário, ele acaba reforçando o quadro já vigente onde o agente é aquele trabalhador estereotipado. Nesse sentido, uma concepção de lazer que só atribua a ele uma função compensatória não pode deixar de ser conservadora.

Dentro de uma perspectiva funcionalista, acredita-se numa "civilização do lazer", como sugere o sociólogo J. Dumazedier, aonde pode-se prever o que vai acontecer com o lazer com uma certa margem de segurança pois, acredita-se numa sociedade estática. Os autores adeptos à esta visão, na lógica do exercício de futurologia, acabam contrapondo um "lazer ideal a um trabalho concreto" ou, um "trabalho ideal a um lazer concreto". (47)

Se a sociedade é estática e o lazer ainda é visto como uma mercadoria simplesmente, pode-se prever, por exemplo, que tipo de valor vai alimentar o consumo desta mercadoria ou, que tipo de mercadoria vai ser necessária. Em contrapartida, se a sociedade é vista numa perspectiva crítica e dinâmica, não se pode fazer previsões. Não tem como pensar utopicamente o lazer, fazendo previsões de como a sociedade vai organizar sua cultura num outro momento histórico. (48)

Como afirmou Gramsci (1921), " o campo da luta pela criação de uma nova civilização é absolutamente misterioso, totalmente caracterizado pelo imprevisível e pelo imprevisto." Isso não quer dizer que não possamos pensar utopicamente o lazer ou até mesmo o trabalho, sobretudo enquanto utopia tiver a conotação de um "vir a ser" possível, baseado na realidade. Uma nova sociedade é viável e vem sendo pensada e desejada por muita gente no mundo todo...

Ivan Illich acredita numa sociedade pós-industrial que ele denominou de "convivial", na qual seria necessária a renúncia geral à superpopulação, à abundância e ao superpoder e, onde as pessoas precisariam reaprender a depender do outro. Para Illich, só será possível atingir esta nova sociedade se for revertida a estrutura profunda que rege a relação do homem com a ferramenta.

Precisaria, na sua concepção, inverter radicalmente as instituições industriais e reconstruir a sociedade inteira,

para que um novo sistema de produção reencontre a dimensão pessoal e comunitária. Ele diz que hoje, "o dogma do crescimento acelerado justifica a sacralização da produtividade industrial em detrimento da convivialidade."

(49) Mas, acrescenta o autor, numa sociedade pós-industrial, é provável que muitas pessoas escolham mais abundância ao preço de menor criatividade.

Ainda para Illich, a industrialização inverte os meios em fim e ameaça os direitos dos homens de: criarem raízes nos seus meios naturais, agirem com autonomia, criarem, fazerem política e usarem sua tradição, seus mitos e rituais.

Já para Marcuse, uma nova sociedade só é possível se houver uma transformação das necessidades aliada à uma negação dos princípios que sustentam o sistema: a produtividade, a competição e o conformismo. Para este filósofo, "a característica distinta de um novo mundo seria a dimensão estético-erótica, fórmula que sintetiza a convergência da técnica e da arte, do trabalho e do jogo." (50)

André Gorz, nos rumos do encaminhamento à uma sociedade pós-socialista, salienta que o carácter pessoal do trabalho se perde necessariamente na medida em que o processo de produção se socializa pois, sua socialização engendra uma divisão do trabalho, uma normalização e padronização dos instrumentos, dos procedimentos, das tarefas e do saber.

Mas, são estes fatores que tornam desejável a redução, ou mesmo a supressão do trabalho.

Gorz diz que a abolição do trabalho é desejável não para aqueles trabalhadores que se identificam com seu trabalho ou se realizam nele e sim, para aqueles que acham que seu trabalho jamais poderá constituir uma fonte de realização pessoal. "Pelo menos enquanto trabalho for sinônimo de horários fixos, tarefas pré-determinadas e delimitação das competências." (51)

Então, para Gorz, a opção para uma nova sociedade passa pela abolição do trabalho tal como ele se apresenta hoje. "A escolha, diz ele, é entre a abolição do trabalho de maneira libertadora e socialmente controlada ou sua abolição opressiva e anti-social." (52)

O encaminhamento de uma nova sociedade deve se dar a partir de uma reforma moral e intelectual não desvinculada de uma reforma econômica, conforme sugere Gramsci. Para este marxista italiano, é fundamental a criação de uma nova cultura que não se restrinja à uma elite intelectual. Para Gramsci, como salienta Marcellino (53), esta modificação da consciência do homem depende das circunstâncias históricas e pode se configurar numa "Revolução Cultural".

Por outro lado e, sob uma perspectiva diferente, Fernando Gabeira chama a atenção quanto à associação direta que se faz entre participação e vida alternativa, na intenção de mostrar que viver alternativamente não se resume em participar política ou culturalmente. Ele diz que é

perfeitamente possível falar em vida alternativa sem levar em conta a participação social pois, as mudanças de hábitos individuais, familiares ou de grupos, por exemplo, podem constituir um estilo de vida alternativo.

Essa associação se dá, em grande medida, pela ilusão de que as pessoas alternativas são completamente diferentes das outras pessoas. "Alguma coisa alternativa quase todo mundo acaba realizando no seu cotidiano." (54)

Embora o movimento alternativo, para se proclamar como tal precise estar criticando o cotidiano de forma a propor e encaminhar uma nova sociedade, é fato constatado por Gabeira que as práticas alternativas têm sido cooptadas e adotadas pelo capitalismo, tornando-as, em muitos casos, atividades capitalistas em si. Mas o autor questiona: "de que adianta aplicar uma terapia oriental para reparar este ou aquele músculo se a pessoa vai utilizá-lo para competir com outros seres humanos?" (55)

Estas breves referências a alguns autores que se preocuparam com a necessidade de uma nova sociedade apontam para a possibilidade de viver diferentemente. Mas, isso só acontecerá para aqueles que pensarem criticamente não só na ecologia - que anda tão em moda - mas também na questão do poder, nas relações inter-pessoais, na solidariedade com as minorias, no resgate das emoções e do prazer.

Então me pergunto: se o homem moderno estiver vivendo seu trabalho e seu lazer de maneira funcionalista, basta

propor novas maneiras de se vivenciar o lazer ? Não será preciso uma modificação muito mais ampla que leve em consideração o sistema de trabalho, a cultura, a sociedade de forma geral ? Se a tendência da maioria dos trabalhadores é esperar do lazer compensação e recuperação de energias, isto não seria um sinal de que o sistema de trabalho precisa ser alterado ?

O objetivo específico proposto para este estudo não abrange o aprofundamento destas questões , bem como não considera que seja feita uma proposta "revolucionária" para o lazer ou para o trabalho. Mas ao especificar o objetivo deste estudo, não deixei de pensar em levantar questões para livre reflexão do leitor.

Para o exercício desta prática reflexiva, deixo registrada mais uma contribuição, de Illich:

" Nossos sonhos estão standartizados, nossa imaginação industrializada, nossa fantasia programada. Nós quase perdemos o poder de sonhar um mundo onde a palavra seja tomada e dividida, onde ninguém possa limitar a criatividade do outro, onde cada um possa mudar a vida..." (56)

NOTAS

(1) Entende-se por pesquisa bibliográfica :
"Levantamento de toda bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de sua pesquisa ou manipulação de suas informações." in Lakatos, Eva & Marconi, Metodologia do Trabalho Científico, p.45.

(2) Dicionário de Ciências Sociais, p.1252

(3) Trivinos,A, Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais, p.51

(4) Dicionário de ciências Sociais, p.1252

(5) Introdução à pesquisa em Ciências Socias, p.50

(6) Marx, Karl, O Capital, Vol I, Cap V, P.202.

(7) Dicionário de ciências Sociais, p.1249

(8) Albarnoz, Suzana, Oque é Trabalho, P.11

(9) Idem, p.71

(10) NOBBIO, N. , Dicionário de Política

(11) Marcuse, Herbert, A Ideologia da Sociedade Industrial, p.31

(12) O Trabalho em Migalhas, p.169

(13) Idem, p.170

(14) Marcellino, Nelson C., Lazer e Educação, p.29

(15) Lazer: Teoria e Pesquisa.

(16) Lazer e Cultura Popular, p.34

(17) Sugestões de Diretrizes Para uma Política Nacional de Lazer, p.35

(18) Lazer e Educação,

- (19) Valores e Conteúdos Culturais do Lazer, p.108
- (20) "Algumas Reflexões Sobre o Ocio como Lazer" in Revista Reflexão n.35
- (21) Valores e Conteúdos Culturais do Lazer, p.110
- (22) Ponto de Mutação, p.35
- (23) Lazer e Educação, p.36 e 37
- (24) Idem, p.39
- (25) A Felicidade Imaginada, p.08
- (26) Lazer e Educação, p.41
- (27) Elogio do Lazer
- (28) Le Loisir, p.51
- (29) Faleiros, Maria Isabel, Repensando o lazer
- (30) O Lazer como Resistência
- (31) Repensando o Lazer
- (32) Idem
- (33) Valores e Conteúdos Culturais do Lazer, p.13
- (34) Le Loisir, p.27
- (35) Sugestão de Diretrizes... , p.44
- (36) Idem, p.37
- (37) O que é Lazer, p.13 e 14
- (38) PARKER, S., Sociologia do Lazer
- (39) Logicamente, esta discussão pode tomar rumos diferentes conforme a concepção de alienação que se tomar como referência.
- (40) LANFANT, Marie, Les théories du loisir, Paris, PUF, 1972
- (41) Lazer e Educação
- (42) Rago, Luzia e Moreira, Eduardo, O que é Taylorismo, p.8

(43) Este assunto é apresentado por Maria Cecília Spina Forjaz no texto "Lazer e consumo cultural das elites". Este texto é resultado de uma pesquisa onde ela investiga a diferença da vivência do trabalho e do lazer por 3 segmentos sociais designados classe operária, classe média e elite empresarial.

(44) Cultura e Democracia : o discurso competente e outras falas.

(45) "Reflexões sobre o consumo como forma de sociabilidade e lazer nos centros urbanos contemporâneos"

(46) *idem*

(47) Este assunto foi discutido pelo Prof. Marcellino numa conversa de orientação ocorrida na FEF/UNICAMP no dia 26/05/92, a qual foi gravada por mim para melhor aproveitamento de suas colocações.

(48) *idem*

(49) La Convivialité

(50) Gabeira, Fernando, Vida Alternativa, p.11

(51) Adeus ao proletariado - Para além do socialismo

(52) *idem*

(53) " Gramsci e a Revolução Cultural" in, Revista Reflexão nº

(54) Vida Alternativa, p.17

(55) *idem*, p.25

(56) La Convivialité

BIBLIOGRAFIA

ALBANO, Maria Celina e LEMOS, Celina Borges, "Reflexões sobre o consumo como forma de sociabilidade e lazer nos centros urbanos contemporâneos", texto mimeografado.

ALBARNOS, Suzana, O que é trabalho, SP, Brasiliense, 1988.

BACAL, Sarah, Lazer: teoria e pesquisa, SP, Ed. Loyola, 1989.

BRUYNE, Paul de e HERMAN, Jacques, Dinâmica da pesquisa em ciências sociais, RJ, Francisco Alves, 1991.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G.; Dicionário de Política, Ed. Universidade de Brasília, 1986, 2a ed.

CAPRA, Fritjof, O ponto de mutação, SP, Cultrix, 1982.

CAMARGO, Luiz O. Lima, O que é lazer, SP, brasiliense, 1986.

CAVALCANTI, Kátia Brandão, Lazer e Sociedade in, Esporte para todos: um discurso ideológico, SP, IBRASA, 1984

CHAUI, Marilena, Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas, SP, ed. Contemporânea, 1984.

CODO, Wanderley, O que é alienação, SP, brasiliense, 1988.

_____, O que é corporatista, SP, brasiliense, 1986.

COELHO, Teixeira, O que é utopia, SP, brasiliense, 1986.

CUNHA, Newyon, A felicidade imaginada - a negação do trabalho e do lazer, SP, brasiliense, 1987.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo, A vida fora das fábricas - cotidiano operário em São Paulo 1920/1934, RJ, Paz e Terra, 1987.

DEJOURS, Christophe, A loucura do trabalho, SP, Cortez - Oboré, 1988.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, Fundação Getúlio Vargas, Coordenação geral: Antonio Garcia de M. Netto, 2a ed., RJ, Editora da F.G.V., 1987.

DUMAZEDIER, Joffre, Valores e conteúdos culturais do lazer, SP, SESC, 1980.

FRIEDMANN, Georges, O trabalho em migalhas, SP, Perspectiva, 1983.

FALEIROS, Maria Izabel Leme, Repensando o lazer, in Perspectivas, SP, 1980.

FORJAZ, Maria Cecília Spina, "Lazer e consumo cultural das elites" in, Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº6, Vol.5, fev.1988, SP, Vertice/AMPQCS

FROMM, Erich, Consciência e sociedade industrial, texto.

GABEIRA, Fernando, Vida alternativa - uma revolução do dia a dia, Porto Alegre, L&PM Editores, 1985

GAIARSA, José Angelo, O que é corpo, SP, brasiliense, 1986.

GIANNOTTI, José Arthur, Trabalho e reflexão, SP, brasiliense, 1984.

GORZ, André, Adeus ao proletariado - para além do socialismo, RJ, Forense Universitária, 1987.

_____, Crítica da divisão do trabalho, SP, Martins Fontes, 1989.

IANNI, Octávio (ORG.), MARX - Sociologia, Coleção Grandes Cientista Sociais, SP, Atica S.A., 1987.

ILLICH, Ivan , La Convivialité, Paris, Seuil, 1973.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade, Metodologia do trabalho científico, SP, Atlas, 1985.

LAFFARGUE, Paul, O direito à preguiça e outros textos, Lisboa, Estampa, 1977.

MARCELLINO, Nelson C. , Lazer e Humanização, SP, Papyrus, 1983.

_____, Lazer e Educação, SP, Papyrus, 1990.

_____, Pedagogia da animação, SP, Papyrus, 1990.

_____, Perspectivas para o lazer: mercadoria ou sinal de utopia ?, mimeo, FEF, UNICAMP, 1992.

_____, "Gramsci e a Revolução Cultural" in, Revista Reflexão nº , PUCCAMP, Campinas.

MARCUSE, Herbert, A ideologia da sociedade Industrial - O homem unidimensional, RJ, Zahar, 1978.

_____, Eros e Civilização, RJ, Zahar, 1978.

MARX, K e ENGELS, F, A ideologia alemã, SP, Hucitec, 1989.

MARX, K. , Tecnia do modo de produção in, O Capital, I, México, Fondo de cultura econômica, 1959.

PARKER, Stanley, O lazer e o trabalho, in A sociologia do lazer, RJ, Zahar, 1978.

PEMBROOK, Linda, Comment vaincre la fatigue, Le Hameau, 1978.

PIETRONI, Patrik, Viver holístico, SP, Summus, 1988.

REDUIXA, Renato, Sugestão de diretrizes para uma política nacional do lazer, SP, SESC, 1980.

RAGO, Luzia Margareth e MOREIRA, Eduardo, O que é taylorismo, SP, brasiliense, 1986.

Revista Reflexão, Lazer e Trabalho, no 35, Instituto de Filosofia da PUCCAMP, Campinas, 1986.

ROLIM, Liz Cintra, Educação e lazer - a aprendizagem permanente, SP, Ed. Atica, 1989.

SCHAFF, Adam, História e verdade, SP, Martins Fontes, 1987.

SUE, Roger, Le loisir, Paris, Presses Universitaires de France, 1980.

TRIVINDS, Augusto, Introdução à pesquisa em ciências sociais - a pesquisa qualitativa em educação, SP, atlas, 1990.

WISNER, Alain, Por dentro do trabalho, SP, Cortez - Oboré, 1988.

VALLE, Lilian do, O lazer como resistência, in Forum Educação, RJ, out/dez, 1988.